

(pertenceu, aliás, à primeira e mais brilhante geração de linguistas portugueses, a par de nomes como Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, José Joaquim Nunes, etc.), tendo criado ao longo da sua extensa vida científica, que durou não menos de 60 anos, o maior *corpus* dialectal português de recolha autónoma ou não sistemática (i.e. fora do âmbito de um atlas linguístico), *corpus* preciosíssimo pela cronologia que abrange. É igualmente um investigador de referência em história da língua portuguesa, tal como, já fora do âmbito da linguística, em arqueologia e em etnografia. Schuchardt (1842-1927), ilustre linguista alemão que exerceu docência em Leipzig, Halle e, sobretudo, Graz (Áustria), dispensa igualmente apresentações; tendo-se ocupado de românica e do basco, o seu principal contributo para o caso português foram os trabalhos pioneiros que desenvolveu no domínio da crioulística, incluindo a directamente dependente da língua portuguesa.

Cientistas dessa qualidade, que, como é o caso, apresentam uma produção bibliográfica correspondente à longevidade das suas carreiras, provocam naturalmente interesse em mais de uma dimensão: interessamo-nos pelo conteúdo científico das suas obras, pela validade das teses que apresentaram, mas também pelo desenvolvimento do seu percurso. As vidas dos cientistas também têm uma historiografia, que importa considerar — pelo valor científico em si mas, igualmente, pelas lições pessoais que daí podemos extrair. Ler a correspondência entre duas personalidades como Leite e Schuchardt, que se estende, durante 44 anos, de 1882 a 1926 (como Castro / Rodrigues-Moura 2015 referem na Introdução, p. I), é ter acesso ao convívio de dois mestres, ao seu confronto de ideias e ao desenvolvimento do seu pensamento — ao “diálogo de uma vida inteira”, como os editores referem a p. I. Note-se por exemplo que Leite, quando começou a cartear-se com Schuchardt, tinha ainda 24 anos e era estudante de medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto; o ano em que terminou a correspondência foi justamente o ano em que se reformou da carreira docente. Schuchardt faleceria no ano seguinte.

É portanto uma obra de grande interesse a que consideramos aqui, que segue um

CASTRO, IVO / ENRIQUE RODRIGUES-MOURA (eds.) (2015): *Hugo Schuchardt – José Leite de Vasconcellos: Correspondência*. Bamberg: University of Bamberg Press, VI + 187 pp.

Leite de Vasconcelos (1858-1941) é, de forma tão unânime quanto possível, considerado o maior linguista português. Foi o introdutor da dialectologia científica em Portugal

percurso já com uma certa tradição. Da correspondência de Leite de Vasconcelos temos tido alguns estudos, como Alegria / Daveau / Garcia (2011), que trata do carteamo com um dos seus discípulos favoritos, o geógrafo Orlando Ribeiro, ou, dos próprios autores da obra em apreço, Castro / Rodrigues-Moura (2003) e Vieira / Castro / Rodrigues-Moura (2008). Schuchardt, pelo seu lado, tem um arquivo *online*¹, com informações importantes (incluindo bibliografia sobre o assunto), e tem sido objecto do mesmo tipo de estudo de Leite, merecendo destaque, pelo seu interesse para o caso presente, Weiss (1981).

A qualidade da obra de Castro / Rodrigues-Moura está à altura do interesse. O estudo procede de forma cuidada, na tradição da Crítica Textual, a uma edição conservadora e exaustiva — características que o especialista aprecia — da correspondência entre Leite e Schuchardt, e tem como principal virtude uma elevada *amigabilidade para o utilizador* (= *user-friendly*), que se consubstancia em três principais características. Em primeiro lugar, a interconexão entre as várias cartas editadas, com referências cruzadas constantes e exaustivas, que possibilita o manejo eficiente do livro como obra de consulta, para além de permitir ao leitor não perder informação relevante ao ler um conjunto de textos/cartas que não é no todo, naturalmente, muito conexo. Em segundo lugar, o inventário bibliográfico das obras citadas nas cartas: todos os estudos referidos por Leite ou Schuchardt ao longo da sua correspondência, sejam da sua autoria ou de terceiros, são referenciados bibliograficamente em nota de rodapé no local da citação respectiva, com frequentes explicações e contextualizações. A utilidade deste procedimento é grande, por duas razões: por um lado, na maior parte das vezes tanto Leite como Schuchardt citavam os estudos — que conheciam perfeitamente — de forma muito abreviada, não entendível para o leitor que não conhece em pormenor o assunto; por outro lado, mesmo identificando os estudos citados pelos autores das cartas, não os conhecemos naturalmente todos, pelo que as explicações recorrentemente aduzidas pelos editores nos permitem obter todo o contexto pertinente. Em terceiro lugar, há a referir um procedimen-

to que no tempo de Leite e Schuchardt não seria necessário, mas hoje, sem dúvida, é: as cartas escritas pelo segundo em alemão foram traduzidas para português².

A esse carácter *user-friendly*, o trabalho junta procedimentos editoriais conservadores, em que se procura perder o mínimo de informação que interesse ao especialista; o registo das notas de Leite ao alemão de Schuchardt, que acabámos de ver, é um bom exemplo, como são as normas de transcrição (indicadas na Introdução, pp. V-VI). A Crítica Textual conhece bem o valor que o processo de transformação de um manuscrito tem para o entendimento da obra final, e o trabalho de Castro / Rodrigues-Moura reflecte-o exemplarmente: todos os incidentes de escrita relevantes encontrados nos textos editados (substituições, elisões, adições, etc.) são passíveis de ser coados, de forma simples, pelas normas utilizadas pelos editores, com eventuais comentários adicionais. Este facto transforma a edição num trabalho útil para o leitor contemporâneo; afinal, nem o especialista nem o curioso ficam hoje satisfeitos com uma edição unidimensional deste tipo de texto, requerendo-se que a dimensão do texto final venha acompanhada da dimensão da sua construção.

A obra está dividida em três partes principais: Introdução, pp. I-VI; Correspondência entre Hugo Schuchardt e José Leite de Vasconcelos, pp. 1-173; e Anexos, pp. 175-182. A estes núcleos juntam-se a Bibliografia, p. 183, e o Índice de Nomes, pp. 185-187. Passamos a ver cada uma das partes separadamente.

A Introdução é, claramente, o aspecto menos positivo da obra; cinco páginas e meia, das quais uma e meia de normas editoriais, são pouco para a importância do *corpus* em mãos.

² Leite escreveu a Schuchardt sempre em português, e Schuchardt escreveu a Leite em português até 1894. Por essa altura, deixou de escrever a sua correspondência em línguas que não o alemão ou o francês, qualquer que fosse o destinatário (Weiss 1981: 206, *apud* Castro / Rodrigues-Moura 2015: IV). Como Castro / Rodrigues-Moura (2015: IV) referem, "Perdem-se assim as suas saborosas composições, mas ganha-se uma dimensão infratextual nas marcas marginais da leitura que Leite faz das cartas alemãs, em que se cruzam traduções de termos difíceis com comentários a afirmações mais polémicas". Seguindo o espírito abrangente da edição, muito do agrado do leitor interessado, Castro / Rodrigues-Moura não deixam de registar, em notas de rodapé, os comentários e observações de Leite, "que, talvez mais que as respostas enviadas, denotam as suas reacções mais íntimas" (Castro / Rodrigues-Moura 2015: IV).

¹ <http://schuchardt.uni-graz.at/> [06/06/2016].

O leitor teria muito a ganhar com uma Introdução desenvolvida, aproveitando o extenso conhecimento dos editores sobre a vida e a obra de Leite e Schuchardt; poderia, por exemplo, ter sido feita uma apresentação desenvolvida de Schuchardt para o leitor português. Em todo o caso, na Introdução não deixam de figurar os elementos essenciais: é-nos indicado o *corpus*, a sua proveniência, uma história muito resumida das principais temáticas contidas e os aspectos formais sempre necessários numa edição. Dentro das temáticas versadas nas cartas, destacaremos dois factos: a iniciativa do contacto partiu de Schuchardt (numa carta em que pede um estudo de Leite sobre o mirandês); e o episódio de zanga grave entre os dois linguistas em 1905, em que Carolina Michaëlis interveio. Castro / Rodrigues-Moura (2015: III-IV) descrevem-no sucintamente assim:

Schuchardt não gostou da maneira como Leite representa [no vol. II das *Religiões da Lusitânia*] as suas posições, a par de outros autores que desconsiderava, e desdobra-se em protestos que Leite tenta acalmar, mas com rara infelicidade, pois, na mesma carta em que serena as razões de Schuchardt, introduz no final um assunto novo que desencadearia nova explosão, bem mais grave, por parte do mestre de Graz. Leite lembra-lhe um manuscrito do séc. XVII, em malaio-português, que vira em sua casa, e pede-lhe uma cópia completa para seu uso pessoal. Os comentários de Schuchardt à impropriedade desse pedido, que estende ao carácter de quem o fazia, constituem o ponto mais baixo de toda a correspondência. Carolina Michaëlis, na qualidade de amiga de ambos, foi solicitada a intervir como pacificadora, no que parece ter sido bem sucedida, pois ao fim de alguns meses as cartas retomam tons de amabilidade, porventura forçada, e não evitam regressar a tópicos melindrosos [...] e questões etimológicas muito técnicas, que a bem dizer constituem a derradeira fase substancial da correspondência.

Na segunda parte do livro podemos encontrar, *in loco*, esse e outros episódios do *diálogo de uma vida inteira* entre os dois académicos. São aí editadas, com transcrição diplomática, 109 cartas = 61 de Schuchardt + 48 de Leite³. A edição é, de acordo com o que já se disse, coerente e rigorosa, mas não

deixam de surgir naturais gralhas ou erros, ou ainda aspectos que, no nosso entender, poderiam ser melhorados. Faremos a seguir uma lista dos casos mais relevantes; começaremos por alguns aspectos gerais, a que se seguirão observações sobre aspectos específicos, ordenadas pelo número de página respectivo. Não nos ocuparemos da tradução alemão → português das cartas de Schuchardt.

- O cabeçalho das páginas ímpares é “Correspondência Schuchardt – Leite de Vasconcelos”, em que “Vasconcelos” tem apenas um “l”; mas no título da obra o mesmo nome tem dois “l”. É frequente encontrar na literatura alternância entre um e dois “l” no último nome de Leite; qualquer que seja a escolha, deve naturalmente haver apenas uma grafia em cada obra.
- A ortografia dos textos dos editores ao longo da obra não é sempre a mesma: pode surgir com o último ou o penúltimo acordo ortográfico português (compare-se p. ex. o último parágrafo da Introdução com o texto precedente).
- As abreviaturas MNA e UBG, que dizem respeito aos arquivos, respectivamente, do Museu Nacional de Arqueologia, onde estão quase todas as cartas de Schuchardt para Leite, e da biblioteca da Universidade de Graz, onde se encontram as cartas de Leite para Schuchardt, não estão decifradas nem na Introdução nem no decurso da edição propriamente dita.
- Os editores reproduziram pormenorizadamente as imagens e desenhos constantes das cartas; também teria aproveitado ao leitor a reprodução fotográfica de algumas cartas, dentro das possibilidades editoriais.
- Pág. 7, carta HS03 (i.e. terceira carta de Hugo Schuchardt), nota 10: a remissão deve ser feita para a nota 8 (não 6) da carta HS02.
- Pág. 12, LV04 (i.e. quarta carta de Leite de Vasconcelos), nota introdutória: a remissão deve ser feita para LV05 e não LV06.
- Pág. 30, LV12, onde se lê “Nota de Leite no fim da página 6”, entenda-se apenas “Nota de Leite no fim da página”.

³ Existem apenas 48 cartas de Leite na obra, apesar de a numeração chegar ao número 49; isto sucede porque houve uma falha na numeração do n.º 41 para o 43, que referiremos adiante.

- Pág. 38, LV13, nota 61: a remissão deve ser feita para a nota 8 (não 7) da carta HS02.
- Pág. 47, LV18, nota 79: não se trata bem da “mesma pergunta”, pois Leite tinha inquirido Schuchardt, dois anos antes, apenas sobre a etimologia de ENDOVELLICUS, e não também, como faz agora, TREBARUNNA.
- Pág. 48, HS22: na nota introdutória, os editores referem que se trata da primeira carta escrita por Schuchardt em alemão, que a partir de então escreve a Leite apenas nessa língua. Fazem igualmente uma tipologia das “anotações de Leite [...], que] passam a ser uma característica regular das cartas alemãs”. Essa tipologia deveria ter sido colocada na Introdução, onde (pág. IV) está referido apenas o ano em que Schuchardt deixou de escrever em português, e não a carta — e está referido, como vimos na nota 2 acima, que a edição conserva os comentários de Leite às cartas alemãs. Tanto mais relevante seria a inclusão da tipologia na Introdução quanto: (i) os autores declaram que reproduzem apenas um dos tipos, respeitante a traduções de palavras (os outros dizem respeito a transcrições de “palavras de difícil decifração” e à numeração de elementos sintácticos, para mais fácil interpretação); (ii) da tipologia apresentada pelos editores não constam os “comentários a afirmações mais polémicas” referidos na Introdução (pág. IV).
- Pág. 77, LV24, nota 107: é feita aqui a referência bibliográfica da tese de doutoramento de Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, mas são apenas indicadas as duas primeiras edições. É verdade que essas são as edições mais importantes, pois a terceira é um *fac-simile* da segunda, mas a referência só fica completa com esta última. Damos a indicação completa adiante nas Referências bibliográficas.
- Pág. 80, LV25, a datação apresentada não é correcta: “Lisboa, 7-12-1901. Graz, 12-2-1901”. Há mais de uma hipótese de resolução, que não podemos explicar aqui.
- Pág. 114, HS46, nota 173: acrescenta-se às cartas referenciadas LV29, que também releva para o assunto (estudo enviado por Schuchardt a Leite). O mesmo deve ser feito em: pág. 116, HS47, nota 174; pág. 119, HS48, nota 175; e pág. 120, LV30, nota 177. Relacionalmente, o penúltimo parágrafo de LV29 (pág. 118) deveria ter nota idêntica às citadas (pois o que está em causa é a inclusão de LV29 num nexo temático em que, neste momento, não está referenciada pela edição). — Ainda: na nota 177, substitua-se HS45 por HS46.
- Pág. 131, LV33, nota 208: a última frase da nota pertence à nota seguinte.
- Pág. 136, LV34, nota introdutória: deve ser referenciada HS51, não 50.
- Existe uma falha na numeração, nas cartas de Leite, do n.º 41 (pág. 153) para o 43 (pág. 158), na medida em que não existe a carta LV42; isso faz com que as cartas de Leite seguintes a LV41 devam ser renumeradas um número abaixo: LV43 deve passar a ser LV42, LV44 a LV43, e assim sucessivamente. — Nos nossos comentários, continuaremos a utilizar a numeração da obra.
- Pág. 154, HS56, nota 261: é dada a referência bibliográfica das *Lições de filologia portuguesa* de Leite mas, ao contrário da nota 260 (pág. 153, LV41), são omitidas as edições posteriores à 1.ª, para além de que o título aduzido é ligeiramente diferente; a referência deve ficar uniforme em ambas as notas, sendo de privilegiar, no espírito da obra, a indicação de todas as edições.
- Fenómeno em parte semelhante em pág. 160, HS58, nota 267 e pág. 163, LV44, nota 270: a referência bibliográfica das *antiguidades monumentais do Algarve* de Estácio da Veiga deveria estar uniformizada.
- Pág. 173, LV49: os editores, nota introdutória, referem sobre a data de produção da carta: “Sem datação possível, mas anterior a 1916 [...]”, com um

argumento certo: a morada de Leite de Vasconcelos, que surge com um número que obriga a que a carta seja anterior a um reordenamento feito na rua em causa em 1916. Ora, sendo assim, faz sentido que a carta viesse não em último lugar na edição, como é o caso, mas pelo menos antes das cartas LV46, 47 e 48, que são de 1922 (LV46 e 47) e 1926 (LV48).

Na última parte da obra, os Anexos, são editados três documentos de interesse complementar para o melhor entendimento da correspondência Leite-Schuchardt: um rascunho de uma carta de Leite a Carolina Michaëlis, onde é abordado, a par de outros assuntos, o seu desentendimento com Schuchardt em 1905, a que acima fizemos referência; uma carta da Academia das Ciências de Lisboa para Schuchardt, à época da 1ª Guerra Mundial, esclarecendo-o sobre a sua posição a respeito dos cientistas alemães; e o "Parecer de Leite de Vasconcelos acerca da candidatura de Hugo Schuchardt a sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa". Trata-se de documentos que ajudam de facto à compreensão de alguns aspectos importantes da correspondência entre os dois linguistas, e que demonstram mais uma vez o espírito abrangente e cuidado da edição, que não se esquece de indicar nas notas introdutórias dos documentos as cartas para que eles relevam (os quais também são citados nas notas a essas cartas).

O espírito cuidado da edição manifesta-se igualmente na sua componente física, que inclui um grafismo e materiais de óptima qualidade, incluindo *capa dura*. E manifesta-se num aspecto que o leitor de edições promovidas por entidades públicas cada vez mais agradece: a sua disponibilização *online* total e gratuita, feita, como é indicado na ficha de edição da obra (embora apenas em alemão), no *site* da biblioteca da Universidade de Bamberg⁴.

Estamos portanto perante uma edição de categoria, que, se é verdade que teria sempre interesse, pela importância dos materiais que torna disponíveis, consegue, não obstante, superar largamente esse patamar mínimo

e obter grande relevância, por via da quantidade de informação que facilita ao leitor, de acordo com o carácter *user-friendly* que já referimos e que, como acabamos de ver, se estende à componente física da obra, incluindo a sua disponibilização gratuita. As críticas e sugestões de melhoramentos que fizemos, a partir da posição cómoda do leitor que não teve de compilar e tratar todos aqueles materiais, devem ser vistas precisamente como um complemento para a utilização dessa valiosa obra.

Referências bibliográficas

- Alegria, Maria Fernanda / Suzanne Daveau / João Carlos Garcia (2011): *Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro. Encontros epistolares (1931-1941)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional-Casa da Moeda (suplemento n.º 7 a *O arqueólogo português*).
- Castro, Ivo / Enrique Rodrigues-Moura (2003): "Auto-retrato de Leite de Vasconcelos", em Ivo Castro / Inês Duarte (orgs.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 197-202.
- Vasconcelos, José Leite de (1901): *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Paris em 1901, Paris: Aillaud. 2.ª edição "com aditamentos e correcções do Autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico "Dr. Leite de Vasconcellos", por Maria Adelaide Valle Cintra", 1970, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. 3.ª edição fac-simile da anterior, 1987: Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Vasconcelos, José Leite de (1905): *Religiões da Lusitânia*, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vieira, Yara Frateschi / Ivo Castro / Enrique Rodrigues-Moura (2008): "Cartas a três (Carolina Michaëlis entre Leite e Schuchardt)", *O arqueólogo português*, série IV, 26, 451-470.
- Weiss, Brigitta (1981): "Hugo Schuchardt y el mundo hispánico", *Thesaurus – Boletín del Instituto Caro y Cuervo* XXXVI, 205-229.

Fernando Brissos

⁴ <http://www.opus-bayern.de/uni-bamberg/> [10/06/2016].